



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS IV  
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS VERNÁCULAS**

**ROZELI DO AMARAL RIOS**

**PROFICIÊNCIA LEITORA AO FINAL DO ENSINO MÉDIO**

Jacobina-BA  
2012

**ROZELI DO AMARAL RIOS**

**PROFICIÊNCIA LEITORA AO FINAL DO ENSINO MÉDIO**

Trabalho de Conclusão de Curso orientado pelo professor Drº Antenor Rita Gomes, como requisito para obtenção de grau de Licenciatura Plena em Letras Vernáculas pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus IV.

Jacobina-BA  
2012

**ROZELI DO AMARAL RIOS**

**PROFICIÊNCIA LEITORA AO FINAL DO ENSINO MÉDIO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Letras Vernáculas da Universidade do Estado da Bahia – UNEB Campus IV, como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Letras Vernáculas.

Aprovado em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2012.

Composição da Banca Examinadora:

---

Prof<sup>o</sup>. (orientador) Antenor Rita Gomes  
Universidade do Estado da Bahia - UNEB  
Doutor em Educação

---

Prof<sup>a</sup>. Patrícia Vilela da Silva  
Universidade do Estado da Bahia - UNEB  
Mestra em Estudos de Linguagem

---

Prof<sup>a</sup>. Girleide Ribeiro Santos  
Universidade do Estado da Bahia - UNEB  
Especialista em Língua Portuguesa: Texto

## DEDICATÓRIA

Ao meu Pai:

Milton Barbosa Rios, meu mestre e auxiliador, grande contribuinte para a minha escalada estudantil.

À minha Mãe:

Iraildes do Amaral Rios, minha grande colaboradora, que sempre acreditou em mim e, apesar das circunstâncias mostrarem o contrário, não me deixou desistir.

Ao meu avô:

Isaías Plácido do Amaral (*in memoriam*), verdadeiramente o maior mestre que tive, meu exemplo de persistência.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus pela força concedida ao longo desses anos, por ter me sustentado e capacitado a vencer com determinação as dificuldades que se levantaram no decorrer desse período.

A toda minha família, que muito contribuiu e me ajudou durante essa jornada.

Ao meu noivo, Jakson, pela compreensão nos momentos em que lhe faltei com carinho e presença, pela paciência e amor dedicado ao longo desses anos difíceis.

Às colegas de trabalho Glória e Gildete, as quais sempre que precisei me proporcionaram o tempo livre para os estudos.

A todos os meus colegas de turma, muito obrigada pelas experiências trocadas, pelo suporte oferecido, pela força em meio às dificuldades e pelo carinho recebido; agradecendo especialmente às colegas Sirlane e Ileide pelo apoio e amizade construída durante os anos dessa caminhada.

Ao professor Antenor, pelas orientações dadas, pela confiança e tranquilidade passada, elementos que contribuíram para a efetivação do trabalho, pelo carinho e dedicação, além da compreensão em meio às minhas dificuldades.

Ao meu grande colaborador Iranildo (Té), o qual sempre que precisei estive à disposição para me transportar aos pontos de acesso aos transportes em minhas idas e vindas à UNEB.

A professora Patrícia, pelas orientações prestadas e ajuda.

Ao professor Tadeu pela solidariedade.

Agradeço a todos que contribuíram direta ou indiretamente para que fosse possível a concretização desse trabalho.

A todos que de alguma forma fazem parte destas linhas.

Ler não é caminhar e nem voar sobre as  
palavras. Ler é reescrever o que estamos  
lendo, é perceber a conexão entre o texto e o  
contexto e como vincula com o meu  
contexto.

(Paulo Freire)

## RESUMO

Este trabalho foi realizado com o objetivo de analisar os elementos contribuintes para o alcance de uma leitura proficiente pelos estudantes de Ensino Médio. A leitura sendo uma atividade necessária à vida das pessoas, e um elemento de grande importância para a compreensão do mundo em que se vive, tem deixado a desejar em alguns aspectos. O trabalho com a leitura nas escolas acontece de maneira que não consegue garantir a proficiência necessária para ler o mundo e compreendê-lo com facilidade. Diante desta situação, esta pesquisa foi realizada no Colégio Estadual Nossa Senhora da Conceição, localizado na cidade de Miguel Calmon e a proficiência leitora dos estudantes concluintes do Ensino Médio, porque tem sido perceptível que grande parte destes, tem finalizado sua carreira estudantil sem ler autonomamente. Para tanto, foi feito o uso de contribuições de alguns autores, como Ezequiel Theodoro, Jean Foucambert, Ângela Kleiman, entre outros, os quais proporcionaram melhores condições de embasamento para a análise por meio de seus estudos. A pesquisa fez uso de uma abordagem qualitativa. Os procedimentos utilizados para coleta de dados consistiram em entrevistas e questionários aplicados com aos estudantes. A análise de conteúdo auxiliou na interpretação e representação dos dados obtidos. Os resultados demonstraram que a leitura ainda não alcançou o ápice em seu processo de ensino e aprendizagem. Mudanças ainda são necessárias para o alcance de um aprendizado eficiente da leitura, a fim de alcançar uma condição autônoma e crítica diante das situações.

**Palavras-Chave:** Leitura, Proficiência, Autonomia, Criticidade.

## ABSTRACT

This work was produced with the objective to verify the elements that contributing to difficult the development of students in the proficient reading. The reading, which is a necessary activity to people's lives, and an element of great importance for understanding the world in which we live, has failed in some aspects. The activity with the reading in schools happens so that it can not guarantee the necessary proficiency to read the world and understand it easily. Against this situation, this search was produced in College Nossa Senhora da Conceição, situated in Miguel Calmon city, and analyzed the students' reader proficiency graduating from high school, because has been perceived that the majority them, has finished student career without read independently. Thus, it was done the use the some authors' contributions, like Ezequiel Theodoro, Jean Foucambert, Ângela Kleiman, and others authors, which provided the best conditions basis for analyze by studies. The approach of the research was qualitative focus. The procedures for data collection consisted of interviews and questionnaires with students. The analysis of result helped in the interpretation and representation of data. The results showed that reading has not yet reached its peak in their teaching process, learning and use, so as to contribute to better positioning of readers on before the linguistical codes. Though the investments made and applied by policy-makers as regards the contribution to reader training of students and the community, changes are still necessary for the achievement of an efficient learning of reading in order to obtain a autonomous and critical condition before the different situations.

keywords: reading - proficiency - autonomy - criticality.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 01</b>	Gráfico – Você gosta de ler?.....	29
<b>Figura 02</b>	Gráfico - Você enquanto leitor apresenta vontade de ler?.....	30
<b>Figura 03</b>	Gráfico - Encontra dificuldade para ler?.....	33
<b>Figura 04</b>	Gráfico - Quais dificuldades você encontra para ler?.....	34
<b>Figura 05</b>	Gráfico - Quais as maiores dificuldades encontradas nas aulas de leitura?.....	37
<b>Figura 06-</b>	Gráfico - Quais os materiais usados nas aulas de leitura?.....	40

## Sumário

<b>1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....</b>	<b>10</b>
<b>2 A LEITURA NOS TEMPOS DE OUTRORA .....</b>	<b>16</b>
<b>2.1 A leitura no Brasil.....</b>	<b>17</b>
<b>2.2 Concepções de leitura e sua importância.....</b>	<b>19</b>
<b>2.3 Leitura: prática além da decodificação .....</b>	<b>20</b>
<b>2.4 A formação de leitores proficientes.....</b>	<b>23</b>
<b>3 RESULTADOS OBTIDOS.....</b>	<b>26</b>
<b>3.1 Alunos que não gostam de ler .....</b>	<b>26</b>
<b>3.2 Dificuldades para ler .....</b>	<b>31</b>
<b>3.3 Dificuldades de concentração.....</b>	<b>36</b>
<b>3.4 Os materiais utilizados .....</b>	<b>39</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>45</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>47</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>49</b>

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

É perceptível que a história da humanidade vem sendo marcada por grandes evoluções. Essas, ganharam sentido, a partir do momento em que os indivíduos construíram um universo simbólico para transmitir suas mensagens, representado através das letras. Consequentemente vivemos hoje um contexto letrado, e uma das tarefas exigidas pela sociedade presume-se em saber ler.

Ninguém nasce sabendo ler, vai aprendendo à medida que vai vivendo. Aprende-se a ler na escola, geralmente em livros ou auxiliado por registro grafado, mas, interessante ressaltar que se aprende a ler também na escola da vida, no ambiente externo ao escolar, em meio à cultura que se vive e a relação com o mundo e as coisas nele incluídas.

A princípio, o ato da leitura estava relacionado exclusivamente à decifração de códigos ou sinais gráficos. Com o passar do tempo, essa visão de leitura foi ampliada, tendo em vista que nós não lemos somente letras, palavras, ou textos. Nossa condição de leitor nos remete a ler além de símbolos escritos, visto que podemos ler outras situações, como o gesto de uma pessoa, um olhar, o espaço que contemplamos, enfim. A leitura acontece atrelada a realidade das nossas próprias interpretações feitas a partir do nosso conhecimento de mundo e das influências de nossa vivência social.

Ao pensarmos sobre leitura e sua importância, atribuímos à mesma o significado de uma ação que favorece o alcance do conhecimento, da compreensão das relações do indivíduo no seu referido contexto. Ler consiste em uma das competências mais significativas e não se restringe à identificação de palavras somente, mas dar a esta um sentido, deixando de ser mais um alienado ao que está escrito.

Nos dicionários, encontramos várias definições para leitura, como a que segue: “Leitura. S.f. 1. Ato ou efeito de ler. 2. Arte de ler. 3. Hábito de ler. 4. Aquilo que se

lê. 5. O que se lê, considerado em conjunto. 6. Arte ou modo de interpretar e fixar um texto de autor, segundo determinado critério. [...] (LUFT, 2001, p. 420)

Dessa maneira, dá a entender que a leitura é uma atividade que implica relação do leitor com o texto, que envolve experiências, surgimento de novos significados relacionados às informações que o leitor já tem e, sem dúvida, considerada na individualidade de cada ser como um exercício que independe da decifração de códigos ou sinais gráficos e possibilita o indivíduo a driblar os obstáculos do seu cotidiano, obtendo acesso à garantia do exercício de sua cidadania, uma vez que, ocorrendo autonomamente, torna possível a compreensão, o entendimento, a reflexão, o conhecimento e a sua atuação cidadã sobre uma realidade vivenciada. Sobre isso, nos afirma Paulo Freire “Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.” (FREIRE, 1997, p. 11).

Reconhecemos a leitura como um instrumento que utilizamos em várias situações, porém com finalidades distintas. No tocante à formação do leitor, e a aptidão desse para com a leitura, ocorre num processo lento e emancipatório, de forma que a sua desenvoltura leitora dar-se-á em um prazo, no qual trilhará por possibilidades e diversidades que contribuirão para o seu sucesso. Esse leitor deve manter uma relação primorosa com as significações extraídas de suas leituras, pois, o modo mecânico de decodificar os símbolos de um texto não condiz com a sua formação leitora.

Muito se tem discutido a respeito do trabalho com a leitura. Este vem sendo motivo de preocupação para muitas pessoas, visto que, no decorrer do progresso da vida de estudante, é notável que muitos alunos concluem o Ensino Médio sem alcançar um nível de leitura autônoma, crítica e contribuidora para expressão de ideias compreendidas a partir do que lê.

Tendo em vista essa inquietude, em virtude desse resultado carente de inovações, faz-se necessário um trabalho com afinco, buscando estratégias que ajudem a perceber a funcionalidade da leitura. Esta deve ser uma atividade que proporcione aos jovens estudantes a compreensão das variadas funções sociais, facilitando, assim, o entendimento de tudo que se lê, pois ela coincide com a realidade que

vivenciamos fora da escola, a leitura faz parte da vida, do contexto em que estamos inseridos.

Todavia, o que nos é apresentado, tem sido desproporcional a essas ideias, por percebermos a grande complexidade observável em diferentes aspectos, direcionado à proficiência leitora dos alunos nos dias atuais. Isso parte de uma situação crítica vivenciada nas escolas, visto que o trabalho realizado durante o período de escolarização dos alunos, ao chegar ao final, não tem apresentado bons resultados no que se refere à leitura como atividade autônoma e instrumento de libertação.

Desta feita, podemos perceber um número considerável de alunos, que, ao concluir o Ensino Médio, não garante habilidades necessárias para a realização de uma leitura crítica, compreensiva e autônoma, pois a demanda da maioria consiste no apego aos elementos apresentados no texto, de modo que não tem condições de expressar suas ideias, mas as apresentam de maneira copista, registrando tão somente o que o autor apresenta em sua escrita.

Percebe-se, a partir de então, que o trabalho que vem sendo realizado com a leitura nas escolas, tem deixado uma lacuna, e essa tem intrigado algumas pessoas, no tocante à maneira como os alunos chegam ao final do Ensino Médio.

Pensando nesse emaranhado de dificuldades, relacionadas ao processo de aquisição de uma leitura independente e propulsora de grandes realizações, é que surgiu a ideia desse trabalho, realizado com o intuito de investigar, analisar e entender “Por que os alunos concluem o Ensino Médio sem adquirir uma leitura crítica e autônoma? Quais os fatores que condicionam essa realidade? Por que os alunos não alcançam uma leitura independente e compreensiva?”.

É notório que a leitura tem sido vista como uma tarefa complexa no espaço escolar, e que o grau de habilidade do leitor proficiente tem ficado cada vez mais distante. Isso, devido ao apego às técnicas de decodificação, as quais devem ser desconstruídas, facilitando o acesso a uma inovadora maneira de ler, olhar o mundo e compreendê-lo com maior exatidão.

Esse alcance dar-se-á por intermédio de uma renovação no trabalho com o leitor, moldando-o com todos os elementos necessários para uma nova forma de ler o que está diante dele e ao redor. É com base nessa perspectiva, que esse trabalho almeja debruçar diante de situações que ofereçam condições de verificar o nível de proficiência dos nossos leitores, uma vez que, será desenvolvido objetivando investigar os motivos pelos quais os alunos concluem o Ensino Médio sem alcançar autonomia para realização de diferentes leituras, permeando análises do por que dessa situação, buscando especificar os meios que proporcionam a existência dessa dificuldade, elencando os fatores que condicionam tal realidade.

De antemão, percebemos que existe uma dissociação entre o trabalho com a leitura e o que ela representa. A partir de então, estaremos analisando as implicações que interferem na qualidade do ensino de leitura, o desenvolvimento desse trabalho, e suas respectivas demandas, uma vez que os sujeitos encontram-se desmotivados e inteiramente desvinculados, ao se tratar da leitura na escola e sua relação com a realidade vivenciada.

Partindo desse pressuposto, esse trabalho é relevante porque visa analisar a situação real de leitura e pleitear meios de trazer às escolas uma motivação, a partir da concisa de que esta atividade deve estar relacionada com o mundo, oferecendo ao indivíduo a condição de interpretar e dar sentido à sua vida através de uma prática significativa e propícia do ato de ler.

Tendo em vista as dificuldades vivenciadas pelos leitores, uma vez que moramos em um país que tem, ainda hoje, milhões de analfabetos<sup>1</sup>, buscaremos enfatizar que a possibilidade de leitura pode estar inserida em um universo além do mundo escrito, garantindo a possibilidade de criação libertadora de ideias e a aquisição de interpretações, através de várias manifestações, as quais não se limitam somente ao recinto escolar.

A partir de então, essa pesquisa tem o interesse não só de analisar o trabalho com a leitura em sala de aula, mas também abordar a necessidade de compreender os

---

<sup>1</sup> Há ainda hoje, 13,9 milhões de brasileiros, com 15 anos ou mais, analfabetos, diz o Censo de 2010 divulgado pelo IBGE.

educandos, criando oportunidades para que eles possam, de forma ampla e objetiva, perceber melhor a sociedade na qual estão envolvidos e, assim, expressar sem receio opiniões construídas por si próprios, a partir da leitura.

Neste sentido, a educação constitui um agente capaz de propor mudança e, necessariamente, deve estar articulada com toda a sociedade, para que suas propostas tenham a participação de todos. Conscientizando-nos que formar um leitor crítico e autônomo não remete ao fato de ler somente, mas sim praticar constantemente a leitura e extrair dela o seu significado. O ato de ler, faz com que o indivíduo perceba o mundo que o cerca, cabendo à escola o favorecimento ao aprendizado da leitura e fazer com que o aluno venha a perceber-se como participante ativo na sua aprendizagem, e como construtor de seu saber.

Este trabalho trará uma abordagem a respeito da proficiência leitora dos indivíduos concluintes do Ensino Médio, investigando os conhecimentos existentes a respeito do ato de ler, concernente a utilização da leitura em situações diárias da convivência individual de cada sujeito.

Segundo Godoy (1995, p.62) existe uma diversidade de características essenciais capazes de identificar uma pesquisa qualitativa: o ambiente natural, como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento fundamental, o caráter descritivo, o enfoque indutivo.

A pesquisa é de caráter qualitativo, pois objetiva compreender os fenômenos conforme a perspectiva dos sujeitos envolvidos na situação estudada e, a partir daí, interpretar dados implícitos na pesquisa, favorecendo a análise dos resultados alcançados.

Assim, a questão abordada investigará a que nível de proficiência se caracteriza a leitura dos alunos do Ensino Médio do Colégio Estadual Nossa Senhora da Conceição de faixa etária entre 15 e 18 anos. Para tanto, realizamos pesquisas com 20 alunos, aplicamos questionários com questões abertas e fechadas e entrevista. Informamos que faremos menção das falas de alguns dos alunos entrevistados, e

utilizaremos algumas das letras do alfabeto como categorias para identificação destes.

Vale ressaltar que para realização deste trabalho, fizemos uso de ideias de alguns autores, contamos com a colaboração de alguns teóricos, como podemos citar: Paulo Freire, Ezequiel Theodoro da Silva, Jean Foucambert, Delia Lerner e demais estudiosos que muito contribuíram para que esta pesquisa viesse a ser realizada.

Sabemos que outras pesquisas foram desenvolvidas no sentido de analisar o processo de aprendizado da leitura. Nessa perspectiva, o nosso trabalho tem um diferencial, porque procuramos verificar de modo minucioso o trabalho realizado com a leitura em nossa comunidade, verificando a coerência existente entre o ensino e a abordagem real de uso e funcionalidade da leitura nas salas de aula, buscando analisar o seu espaço nas aulas de Língua Portuguesa, bem como a finalidade com a qual a leitura tem sido explorada. Além disso, podemos contribuir para melhorias significativas no trabalho com a leitura, a partir das informações apresentadas neste trabalho, pautadas nos dados obtidos através da pesquisa.

## 2 A LEITURA NOS TEMPOS DE OUTRORA

Muitas mudanças tem sido perceptíveis na área da leitura. Todavia, quando observamos as mudanças históricas no âmbito da conceitualização dessa atividade, Fischer, ressalta que:

[...] o que julgamos ser leitura no passado é, em geral, uma comparação arbitrária baseada no que é a leitura atualmente. Esse julgamento retrospectivo não é válido, pois, ao longo da história, a leitura teve muitos significados diferentes para vários povos (FISCHER 2006, p. 11).

Dessa maneira, quanto mais longínquo o tempo analisado, maiores serão as dificuldades de percepção da leitura, mesmo porque os registros de antigamente, possuíam códigos condizentes ao conhecimento de uma parcela mínima da sociedade. Interessante ressaltar que, na maior parte das vezes, a literatura manifestava somente o que podia ser decorado. Assim, a leitura, tanto quanto a escrita, eram vistas como atividades complementares ao uso do discurso oral, mais usado naqueles tempos, com o objetivo de agradar aos ouvintes com a apresentação de uma facilidade capaz de confirmar ao público que tinha uma boa oratória.

A respeito disso, Márcia Abreu acrescenta dizendo:

Desde a antiguidade, ler em voz alta tem, basicamente, dois propósitos. De um lado, uma pedagógica: demonstrar que é um bom leitor [...] Por outro lado, um propósito literário: ler em voz alta é, para um autor, colocar um trabalho em circulação, publicá-lo (ABREU, 1999. p. 21-22).

É notório que as formas de realização da leitura são múltiplas e variadas. Os **homens sapiens**, por exemplo, realizavam suas leituras em materiais como ossos, imagens afixadas nas paredes das cavernas da época, liam mensagens imagéticas em cascas de árvores, ou até mesmo em couros, além da própria arte rupestre que também era lida com o propósito de enunciar significativas informações entre os povos.

Além desses meios citados anteriormente, as sinalizações eram tidas como semelhança de leitura, pois transmitiam informações e consentia que mensagens

fossem enviadas em distâncias significativas, usando recursos próprios, como fogo, fumaça, entre outros meios existentes.

Observemos que eram várias as formas de ler, e que essa leitura era vista como um mecanismo de grande utilidade, que facilitava a comunicação e a transmissão de mensagens entre os povos e, nesse processo de evolução, algumas civilizações se destacaram pela condição econômica ou mesmo pela intelectualidade possuída por seu povo.

Podemos citar a Mesopotâmia, local onde a maioria das leituras acontecia com o auxílio de símbolos em forma de cunha sobre argila amolecida, além dos registros em pedras, metais, e até mesmo em vidros. Os povos mesopotâmicos liam uma “literatura de argila” dificultando assim as práticas de leitura, tendo em vista que os materiais nos quais eram confeccionados causavam certo desconforto para o desenvolvimento da leitura, assim como o hábito de ler. (FISCHER, 2006)

A respeito dessa problemática, Fischer reforça dizendo que: “[...] a tabuleta de argila era um objeto grande e pesado, um tanto desconfortável para uma leitura como atividade de lazer” (FISCHER, 2006, p. 17). Desta feita, o ato de ler estava bem distante de ser considerada uma atividade cativante e de deleite, o mesmo passava a ser visto como algo cansativo. Não alcançava o ápice de uma tarefa prazerosa.

## **2.1 A leitura no Brasil**

A leitura no Brasil traz fortes marcas da história de nosso país. Ela foi fortemente influenciada pelo processo de colonização. Os primeiros materiais letrados vieram trazidos pelos jesuítas, e com o objetivo de catequizar os índios, na tentativa de oferecer a estes informações que contribuíssem para construção de uma nova identidade, tentando introduzir uma inovada forma de ser, pensar, enfim, oferecer-lhes outra cultura. Interessante que mesmo contando com o apoio desse material, a leitura não era acessível a todos, continuava sendo de difícil acesso, pois era restrita a uma parcela minoritária da sociedade, ou seja, àqueles que naquela época faziam

parte do controle político, enquanto as pessoas que viviam a margem da sociedade não tinham acesso desejoso para a efetivação da atividade de leitura. (FISCHER, 2006)

Diante dessa situação, Paiva (1987, p. 58), ao analisar os registros, percebeu que durante quase quatro séculos, no Brasil, “o que prevaleceu mesmo foi o domínio da cultura branca, cristã, masculina e alfabetizada sobre os marginalizados”. Mediante esta seletividade, boa parte das pessoas deixou de ser beneficiadas no aprendizado da leitura, devido ao acesso restrito ao material letrado, utilizados na época para os estudos religiosos.

Interessante perceber que os tempos foram passando, entretanto a condição continuava a mesma, sem mudanças relacionadas ao material para prática da leitura. O acervo literário era centrado na religiosidade, fator contribuinte para exprimir alterações ao hábito de leitura das pessoas, tendo em vista que o interesse pela Bíblia ainda era restrito. Diante disso, a prática de leitura continuava difícil, tendo em vista que o número de bibliotecas era considerado pequeno, e os livros que predominavam ainda eram devocionais.

Entretanto, mudanças começaram a acontecer, de maneira que as bibliotecas já recebiam livros de saber científicos, conhecidos como obras profanas. Esse acontecimento ocorreu devido ao gosto dos intelectuais da época, o qual mais tarde se estendeu as demais áreas da colônia.

Percebe-se que o material utilizado tinha o objetivo de domesticar as pessoas, pautados nas obras e práticas religiosas. No entanto, com o início da expansão territorial alcançado pelos novos livros, várias pessoas passaram a ter acesso à leitura e a poder escolher o material que desejara ler, sem imposições, ou orientações devocionais centradas na religião. A partir de então, o material passou a ser mais acessível à população, de modo a facilitar a realização da leitura pelos povos.

Outros caminhos foram percorridos pela leitura no Brasil, outras situações ofereceram suporte para sua existência e desenvolvimento, de maneira que nos dias atuais podemos realizar esta atividade com liberdade e autonomia.

## **2.2 Concepções de leitura e sua importância**

Para iniciar o tema abordado faz-se necessário expor algo sobre as concepções de leitura que fazem parte do processo de formação de um leitor competente. A leitura está embasada na concepção estruturalista, sendo vista tão somente como atividade de decifração de códigos. Nessa concepção, a leitura é vista como algo mecânico, não há relação entre leitor e texto, prevalecendo sempre a ideia do que está registrado pelo autor. Ou seja, o leitor é alguém alienado e preso às idealizações do autor, não havendo espaço para a interação e o diálogo com o texto.

Desta feita, a leitura passa a ser algo sem interesse, sem funcionalidade, sem objetividade, inteiramente desvinculada dos usos sociais que se faz dela, convertida em momentos de treinos para melhor habilidade de decodificação dos termos lidos, reduzidos a momentos de atividades avaliativas e exercícios diários, incapaz de provocar no leitor a compreensão de suas funções e de seus objetivos.

Diante dessa situação não promissora, buscaram-se meios de inovar essa realidade, dando início aos estudos dialéticos. Esses vieram para mudar o processo de desenvolvimento da leitura em relação à fase do estruturalismo. A partir de então, estabelece uma relação de interação entre o leitor e o texto, criando conseqüentemente uma visão inovadora a respeito desse processo, possibilitando formas inovadas para o sucesso do leitor, expandido a criatividade, incentivando a prática do ato de ler e interagir não somente com o texto, mas também com o mundo em que vive, estabelecendo um paralelo entre as informações contidas em suas leituras e as que se obtêm da convivência social no universo em que está inserido.

Percebemos, a partir de então, que a leitura não acontece aleatoriamente, ela traz consigo uma importância representativa para a sociedade, resultado de seu significado, e não do ato de mera decodificação. Ao ler o leitor traz para esta atividade seu conhecimento, sua existência como cidadão e dá origem a novos

significados ao que lê baseado em suas múltiplas experiências. Dessa maneira é que constrói o sentido do texto. Lajolo (2001, p. 99) nos afirma que “só a partir das experiências vividas pelos leitores o texto encontra seu sentido”.

Assim deveria ser o sistema de trabalho e construção da leitura e da formação do leitor nos dias atuais. No entanto, percebemos que ainda há uma lacuna no que diz respeito à valorização da leitura. Infelizmente ela não alcançou o reconhecimento de sua importância como veículo de aperfeiçoamento da sociedade, tendo em vista que oferece ao cidadão a condição autônoma de conscientizar-se de seu papel e agir de maneira que contribuísse para a transformação da comunidade onde vive.

A leitura, na nossa sociedade, é uma condição para dar voz ao cidadão, para tanto, é preciso prepará-lo para tornar-se sujeito no ato de ler. [...] o livro deve levar a uma leitura/interpretação do indivíduo na transformação de si mesmo e do mundo (YUNES, 1989, p.33.34).

Nessa perspectiva, torna-se interessante investir na preparação do professor, o qual é peça fundamental para o desenvolvimento dessa tarefa e necessita estar instrumentalizado com todos os recursos precisos, para que haja em seu trabalho uma formação de leitores críticos, autônomos e capacitados em ousar a partir de suas leituras.

### **2.3 Leitura: prática além da decodificação**

A prática da leitura se faz presente em nossas vidas desde o momento em que começamos a compreender o mundo à nossa volta. Isso se dá quando buscamos interpretar os sentidos das coisas, relacionar diferentes realidades e no contato com os livros. Dessa forma, a leitura acontece e as pessoas não percebem. Portanto, o ato da leitura não se restringe ao processo de decodificação dos símbolos, acontece quando há compreensão ou é permitida a interpretação do que se lê. Neste contexto, o PCN (1997, p.53) afirma que “qualquer leitor experiente que consiga

analisar sua própria leitura, conseguirá constatar que a decodificação é apenas um dos procedimentos que o leitor utiliza quando lê”.

Pode-se entender ainda que esse método de decodificação não oferece ao leitor a condição de adentrar ao texto e extrair dele seu sentido, sua mensagem, seu significado. Esse método condiciona ao leitor dizer aquilo que está explícito e não o oportuniza a ter acesso a sua essência, compreendendo o que existe nas entrelinhas do que se lê. Além disso, condiciona o leitor à passividade.

Paralelo a isso, Ezequiel Theodoro da Silva afirma que

A leitura não pode ser confundida com decodificação de sinais, com reprodução mecânica de informações ou respostas convergentes a estímulos escritos pré-elaborados. Esta confusão nada mais faz do que decretar a morte do leitor, transformando-o num consumidor passivo de mensagens não-significantes e irrelevantes (SILVA, 1992. p. 96).

Vale ressaltar que o trabalho com a leitura não se restringe à formação de leitores aptos a tão somente extrair informações de um texto, ela deve ser “uma atividade de acesso ao conhecimento produzido, ao prazer estético e, ainda, uma atividade de acesso às especificidades da escrita” (ANTUNES, 2003, p. 70). Para tanto, alcançar esses paradigmas requer alguns requisitos, pautados no ingresso ao conhecimento dos objetivos da leitura, de sua funcionalidade, das estratégias que norteiam o envolvimento com o que é lido e habilidades que facilitem a compreensão de maneira significativa.

Neste sentido, a educação constitui um agente capaz de propor mudanças. Para que isso venha acontecer, a leitura deve ser trabalhada como atividade prazerosa, sem pretexto para atividades avaliativas. Partindo desse pressuposto, Silva (1998 p. 26) “adverte sobre a necessidade de um ensino de leitura voltado para a criticidade”, pois pela leitura crítica o sujeito abala o mundo das certezas, elabora e dinamiza conflitos, organiza sínteses, enfim combate qualquer tipo de escravização às ideias do texto. A prática democrática e crítica da leitura não devem ser memorizadas mecanicamente, mas ser prazerosa e desafiadora, levando o leitor a pensar e analisar a realidade em que vive.

Rubem Alves acrescenta que:

[...] o ato da leitura é uma experiência para ser vivida com prazer, experiência vagabunda, ou seja, solta, sem cobranças, sem relatórios, que não se deve ler para responder questionários, ou para interpretação, mas ler por puro prazer. Ler pelo simples gosto de ler. O conhecimento, a interpretação, o questionamento, vêm por acréscimo (ALVES, 2001 p. 57).

Esse emaranhado de subsídios alcançados a partir da leitura estabelece a formação do cidadão leitor. Segundo Barthes (1977, p. 35), “o leitor pode ser comparado a uma aranha: à medida que tece sua teia, segrega a substância com a qual a fabrica”. Ou seja, ele projeta sobre o texto todo seu conhecimento de mundo, a partir de um entrelaçamento texto/leitor. Dessa maneira, a leitura oferece meios de fluência através da imaginação, da construção do que se lê; maior capacidade de diálogo; adquirento de novas informações, e não deixa de ser o instrumento que liberta o homem, movido pela curiosidade de compreender aquilo que se encontra nas entrelinhas, do próprio sistema onde está inserido, ampliando sua visão de mundo.

Interessante ressaltar que todas essas mudanças alcançadas a partir do trabalho com a leitura, pode-se tornar ainda mais significativa com o auxílio da escola, de forma que se essa instituição trabalhar com o objetivo de dar ao cidadão a condição de compreender o mundo no qual está inserido, deixando de focar seus recursos no mecanismo de decodificação, contribuirá para a transformação da sociedade atual oferecendo aos alunos os objetivos específicos da leitura de um texto, proporcionando o “para quê” e o “por que” ler um determinado texto, a fim de tornar o leitor um sujeito capaz de atribuir significados a partir da leitura.

Segundo Lajolo (2001, p. 108) “é importante frisar também que a prática de leitura patrocinada pela escola precisa ocorrer num espaço de maior liberdade possível”. Isso só acontece quando se respeita a posição do leitor em relação ao livro que se quer ler, a temática que lhe interessa o prazer de ler determinado texto ou livro, deixando de lado aquela obrigatoriedade de um mesmo livro para toda a turma, ou um mesmo texto a se compartilhar, como sendo uma prática impositora de leitura.

O processo de aprendizado da leitura ocorre num círculo do fazer e refazer que ultrapassa os muros da escola. O indivíduo se prende à leitura como fonte de prazer, daí essa não se esgota nos limites da escola, mas se expande para o universo, ampliando sua visão, compartimentando com o novo o seu próprio mundo construído ao longo de suas muitas leituras.

Para Kleiman (1998, p. 7), “o ensino de leitura é fundamental para dar solução a problemas relacionados ao pouco aproveitamento escolar; ao fracasso na formação leitora podemos atribuir o fracasso geral do aluno”. Neste sentido, a importância de explorar durante as aulas, momentos de leitura prazerosa, dar ao indivíduo a oportunidade de ler por querer, e não como uma tarefa a cumprir sem nenhum sentido.

A prática de leitura há de ser entendida como um lazer que propicia o acesso ao que está ao redor dos sujeitos leitores, trazendo aos mesmos, conhecimentos que servirão para toda a vida. Sobre isso Lajolo adverte que:

Lê-se para entender o mundo, para viver melhor. Em nossa cultura, quanto mais abrangente a concepção de mundo e de vida, mais intensamente se lê, num espiral quase sem fim, que pode e deve começar na escola, mas não pode encerrar-se nela (LAJOLO, 2002, p.30).

Diante dessa afirmativa, atribui-se que a concepção de leitura apresentada aqui vai além da leitura trabalhada nas instituições escolares, pois enfatiza que ela deve e pode iniciar-se na escola, mas não pode nem costuma encerrar-se nela, porque o aprendizado do sujeito acontece durante toda a vida.

## **2.4 A formação de leitores proficientes**

Proficiência envolve habilidades, conhecimento, competência, aptidão para determinado fim. Diante dessas descrições, vale ressaltar que há a necessidade de trabalhar a leitura de maneira que alcance a formação de um leitor possuidor de

todas essas características, apto a destrinchar todos os segredos de um texto e correlacioná-lo com o mundo em que vive.

Entretanto há uma lacuna que nos remete a refletir sobre esse processo de formação desse leitor, visto que na atualidade, grandes são os números de pessoas que não alcançam a condição de dominar o que lê e explicar sobre o que foi lido. Diante disso, o PCN afirma que:

[...] formar um leitor competente, supõe formar alguém que compreenda o que lê; que possa aprender a ler também o que não está escrito, identificando elementos implícitos; que estabeleça relações entre o texto que lê e outros textos já lidos; que saiba que vários sentidos podem ser atribuídos a um texto [...] (BRASIL, 1999, p. 69).

Nessa perspectiva, observamos que para alcançar essa condição, o leitor utiliza seus conhecimentos prévios, estabelece uma relação com o gênero trabalhado ou exposto, com os objetivos de leitura apresentados, o contexto em que está situada a leitura, e, a partir desses elementos, ele questiona, se mantém atento às pistas presentes no texto e faz uso das estratégias de leitura, selecionando informações, antecipando fatos, reformulando ideias, além de possuir autonomia para criticar o conteúdo ao qual o texto se relaciona.

Assim, para tornar o aluno um leitor proficiente, deve-se trazer às salas de aula leituras diversas, abordando várias temáticas e estabelecendo relações com o contexto. Essas leituras deverão ser orientadas através de objetivos e finalidades, a fim de alcançar funcionalidade em sua realização. Dessa forma, esses requisitos utilizados poderão contribuir para o alcance da autonomia leitora, libertando o aluno das ideias fixas nas leituras realizadas.

Para Ângela Kleiman,

[...] o ensino da leitura é um empreendimento de risco se não estiver fundamentado numa concepção teórica firme sobre os aspectos cognitivos envolvidos na compreensão de texto. Tal ensino pode facilmente desembocar na exigência de mera reprodução das vozes de outros leitores, mais experientes ou mais poderosos do que o aluno (KLEIMAN, 1998, p.61).

Pensada desta maneira, é que se faz cada vez mais necessário explorar a leitura em sala de aula, de maneira que venha contribuir para libertar os leitores dessa mera reprodução de vozes e ideias, ampliando os horizontes desses, fazendo uso de mecanismos que contribuam para despertar o senso crítico, deixando de ser vista como uma mera atividade sem sentido e automaticamente, sem significado para sua aprendizagem.

Diante disso, é relevante pensarmos na formação do leitor, atentando para o cuidado de refletir sobre que tipo de leitor está sendo formado no decorrer dos dias, que tipo de leitor tem sido solicitado pela sociedade atual e que tipo de leitor tem sido formado em nossas escolas. Corroborado a isso, desenvolver atividades que explorem aptidões e habilidades que possam contribuir para o alcance dessa formação e transformar a visão do leitor, ampliando-a, diante do universo da leitura.

### **3 RESULTADOS OBTIDOS**

A atividade de leitura oportuniza o leitor a conhecer outros mundos possíveis, além de dar ao mesmo a condição de tentar entender a realidade em que está inserido, para então, compreendê-la melhor. O ato de ler oferece a condição de manter contato com textos e se distanciar dele assumindo uma postura crítica diante do dito, adquirindo a cidadania no mundo da cultura escrita.

Diante disso, percebemos que a realização da leitura deve acontecer de maneira que os sujeitos leitores sejam capazes de ler o explícito e o implícito presente no material lido, garantindo a condição de assumir uma postura própria e expor suas ideias subjetivas ao invés de oralizar tão somente um texto que é do outro.

#### **3.1 Alunos que não gostam de ler**

Em meio aos desafios para o alcance de uma leitura de qualidade, encontra-se um emaranhado de elementos contribuintes para dificultar essa tarefa, um deles está relacionado ao fato de não gostar de ler. Às vezes até nos assusta, mas a falta de hábito de leitura tem marcado presença nas escolas, nos lares, na sociedade, de maneira que tem causado um distanciamento entre o leitor e os livros, e conseqüentemente, colaborado para uma leitura mecanizada.

Muito tem se discutido a respeito do hábito pela leitura nos dias atuais, à medida que a preocupação tem se vinculado ao processo de aprimoramento dessa atividade. Escolas, professores, e demais pessoas ou instituições têm demonstrado uma enorme preocupação inerente à falta de vínculo das pessoas para com o ato de ler. Todavia, pensando na objetividade escolar e nos meios usados por todos para alcançar aproximação entre livros e leitores, o que falta então para que os indivíduos demonstrem o hábito de ler?

Muitos dos discursos atuais têm reforçado a ideia de que ler é uma questão de hábito ou gosto que o sujeito adquire por vontade própria, independente dos meios

vinculados socialmente pelo mesmo. Por outro lado, autores trazem a estimativa de que o hábito pela leitura só será alcançado se permeado por sentimentos, desenvolvendo o amor pelo ato de ler em meio a um emaranhado afetivo disponibilizado pelo ambiente e profissional responsável pelo ensino. Entretanto, pensemos em que esses sentimentos e essa independência seriam suficientes quando a aplicação da leitura não apresentar concretude e vinculação real com as situações de uso na vida do leitor?

Desse modo, seria interessante pensar a leitura não somente como procedimento cognitivo ou afetivo, mas levarmos em consideração a ação cultural em que ela está constituída, imbuída em um processo histórico que diferencia a sua realização, estabelecendo objetivos e metas condizentes com a realidade individual de cada leitor. Britto nos auxilia a compreender melhor essa situação, dizendo que:

o produto que resulta desse entrelaçamento cultural-histórico não se restringe a simples acumulação de informações, mas a representação da realidade presente no texto lido. Um valor que não é criação original do sujeito, mas algo que se articula com o conjunto de valores e saberes socialmente dados (BRITTO, 2003, p. 84).

Nesse sentido, o processo de leitura passa a ser um ato de posicionamento consciente do sujeito diante do mundo e do próprio texto lido, de maneira que consegue realização de uma leitura independente, não tomando como verdade o que está sendo mostrado no texto, mas estabelecendo relações entre o produto lido e a produção cultural e politizada inserida em seus conhecimentos explícitos.

Diante disso, por que então grande parte dos estudantes não possui o hábito da leitura, e em que sentido a escola tem falhado no desenvolvimento desse gosto? Será que o hábito de ler é aprendido ou adquirido; lemos por que gostamos ou por sermos submetidos à situação sem direito de escolha; o gosto de ler é desenvolvido a partir do ensinamento ou de situações exemplares a serem seguidas?

Esses questionamentos contribuem para analisarmos coerentemente os meios que proporcionam a falta de habilidade para ler. Notificamos a existência de um abismo entre o leitor e o livro em se tratando do ambiente escolar, começando pela

inexistência de bibliotecas e bibliotecários escolares, além do despreparo dos profissionais para o ensino e orientação da leitura.

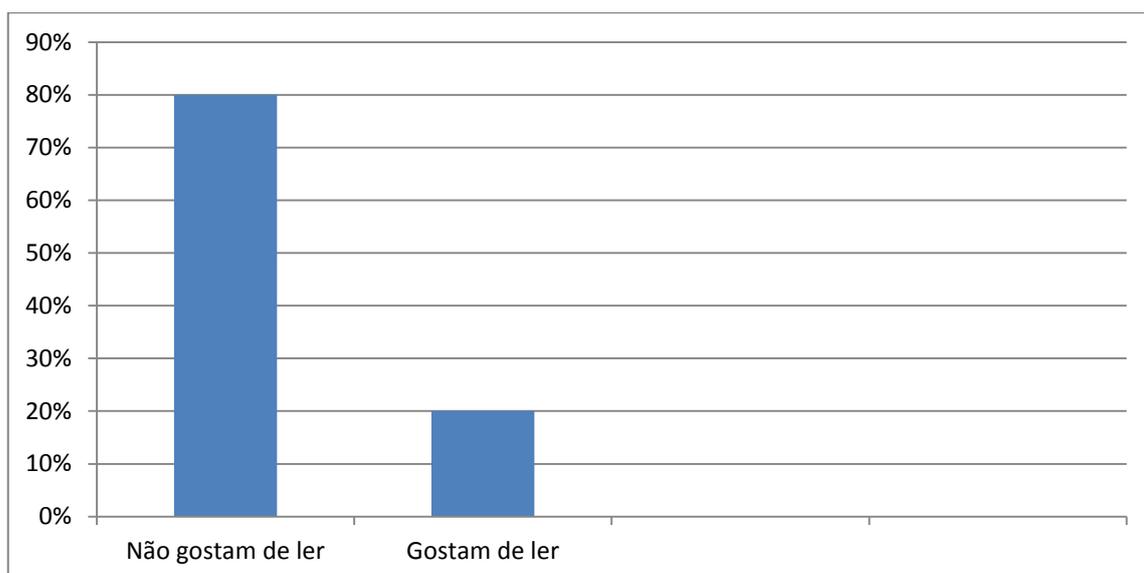
Sobre isso, Ezequiel Theodoro da Silva nos informa que,

[...] o planejamento da leitura, quando é pensado pelos educadores, segue a linha do casuísmo, do improviso, da não-sequenciação, da não integração-resulta daí que, no ambiente da escola, o valor do estímulo sociocultural “livro” perde em potência e qualidade, transformando-se em algo aversivo, “chato” ou “que não leva a nada” (SILVA, 1997, p. 84).

Esse fator é bastante interessante, diante da inexistência de metas traçadas por meio de objetivos a serem alcançados, pode-se chegar a lugar algum, conseqüentemente a nenhum resultado. Em se tratando da leitura, além desse ‘descaso’ no ato de planejar, ainda contamos com o paradoxo entre os materiais disponíveis pela escola e os que são visualizados pelos estudantes no ambiente extra escolar. O que a escola recebe, torna-se ultrapassado em relação aos recursos inovados e tecnológicos que são encontrados na sociedade. Dessa maneira, fica mais uma vez a responsabilidade nas mãos dos professores que sem recursos apropriados e sem melhores preparações e assistências, tentam fazer o que é possível e acabam deixando a desejar.

No plano familiar as coisas não são tão diferentes assim, se considerarmos que a família também pode ser um agente influente no desenvolvimento de habilidades para ler. Mesmo com as melhorias alcançadas, ainda existem pessoas que tem pouco acesso aos materiais letrados, grupos que mesmo sendo possuidores de livros, não tem leitura, conseqüentemente não dá a ela a sua devida importância, e por fim, não garante condições de influir a outros.

O gráfico a seguir, nos leva a reflexão baseada nos dados de uma pesquisa realizada com 20 alunos concluintes do Ensino Médio, a respeito do hábito de leitura.

**Figura 01 - Gráfico – Você gosta de ler?**

Dos alunos participantes, 80% não apresentam o gosto de ler. Esse resultado é fruto de diversos fatores contribuintes para tal realidade; desde a falta de leitura em casa, a falta de bibliotecas, à maneira como a leitura tem sido trabalhada no ambiente escolar para desenvolvimento do hábito de ler. Para Silva (2010, p. 108), a leitura escolarizada tem servido a propósitos de memorização de normas gramaticais, reprodução de dogmatismos, celebrações cívicas, aumento de vocabulário, motivação para a produção escrita, etc.

Tais realidades condizem com o que o aluno percebe e extrai das aulas recebidas durante a sua trajetória como estudante, tendo em vista que o trabalho com a leitura acontece seguindo um modelo mecânico, memorizável, levando à reprodução das ideias lidas ou comentadas. Diante disso, Silva, (1998, p. 26) adverte sobre a necessidade de um ensino de leitura voltado para a criticidade, pois a partir da leitura crítica é que o sujeito adquire autonomia para lidar com diversas situações, de maneira que não se torna escravo das ideias propostas pelo texto, mas garante a condição de elaborar novas perspectivas com base no que foi lido.

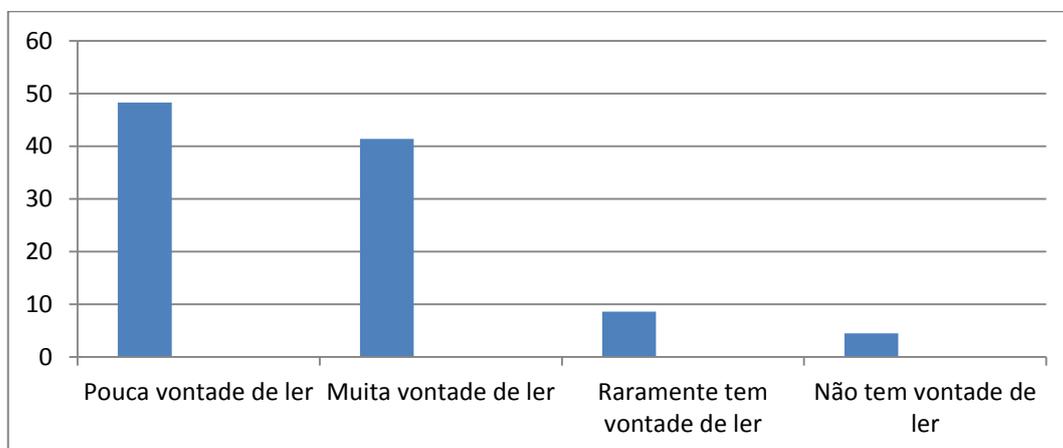
Sendo assim, o leitor só é reconhecido como tal quando faz uso do texto e reescreve-o a partir de suas particularidades, pautadas nos conhecimentos possuídos ao longo de sua trajetória. Percebemos a sua concretude a partir do momento em que o texto torna o instrumento para criações de outras situações

favorecidas pela leitura, através das múltiplas interpretações alcançadas, à medida que essa leitura é reconhecida como apropriação capaz de dar ao indivíduo a capacidade de produzir sentido.

Para Chartier (apud YUNES 2003, p. 7) “o ato de ler estabelece um contraste entre as ordens de decifrações impostas pelos livros e a ousadia transgressoras das possíveis leituras de um texto.” E é justamente essa ousadia que às vezes falta no leitor, tanto quanto, a condição de desmembrar o texto em suas várias faces de conhecimentos adquiridos ou associados com a realidade vivenciada, a fim de que o leitor assuma uma posição de construtor e não mero reproduzidor.

Interessante notificar que o leitor em si possui a condição de se auto avaliar e perceber sua situação em relação ao nível de leitura, de forma que ao ser questionado expõe sua consideração. Vejamos no gráfico abaixo os níveis de leitura apresentados pelos 20 participantes da pesquisa.

**Figura 02 – Gráfico – Você enquanto leitor apresenta vontade de ler?**



O gráfico nos traz informações interessantes em relação ao posicionamento que o próprio leitor constrói de si mesmo ao longo do processo de sua formação leitora. Pensemos a respeito do porquê a maioria dos estudantes demonstra pouca vontade de ler, em meio a tantos métodos centrados no incentivo deste hábito. Quais seriam os fatores contribuintes para essa situação? Os próprios pesquisados relatam que a causa de maior dificuldade para a prática da leitura está relacionado à falta de materiais na escola e ambiente propício para tal finalidade.

Desta feita, há a necessidade de mudanças significativas no trabalho com a leitura, a começar do método e dos materiais a serem usados como recursos para explorar a leitura de maneira prazerosa, envolvente e motivadora. Sendo assim, o grande colaborador para tal significância tem sido o professor. Este deve possuir a condição de transmitir aos estudantes o verdadeiro encantamento pelo ato de ler, para, então, oferecer aos mesmos a condição de se tornar leitores proficientes.

Para que a leitura alcance o nível de encantamento, há a necessidade de que o professor seja modelo e deleite-se com ela. Caso isso não aconteça, a desmotivação causará maiores dificuldades. Segundo Maria Antonieta Antunes Cunha,

[...] sem dúvida, o desinteresse dos alunos tem como uma das causas esse nosso condicionamento, essa tranquilidade com que vamos, ano após ano, levando às crianças os mesmos livros, as mesmas histórias, supondo sempre atividades iguais, para alunos iguais (CUNHA, 1999, p. 18).

Diante dessas informações, torna-se relevante um investimento na preparação dos profissionais responsáveis pelo ensino da leitura, de maneira que os mesmos recebam orientações que norteiem o trabalho, condicionando inovações, atualizações e um melhor resultado na aprendizagem dos leitores, os quais devem garantir as estratégias fundamentais para uma leitura crítica, proficiente e autônoma.

### **3.2 Dificuldades para ler**

Os esforços, tanto da escola quanto dos programas governamentais, de incentivo à leitura, não têm, de maneira geral, conseguido transformar a criança e o jovem que leem em leitores críticos. A escola não pode se descuidar do desenvolvimento de habilidades de ler, interpretar, resumir e parafrasear, que são a base para a aprendizagem significativa (CAMPELO, 2000).

A escola hoje é vista como um espaço que emana múltiplos desafios, em meio a esses, um dos maiores tem sido o de fazer com que os alunos aprendam a ler sem

dificuldade, e compreendam o que foi lido, a fim de que os mesmos sejam aptos a agir com autonomia nas sociedades letradas e não encontrar maiores complexidades no processo de realização da aprendizagem, nem tão pouco, desvantagens em suas realizações por conta das complicações com a leitura.

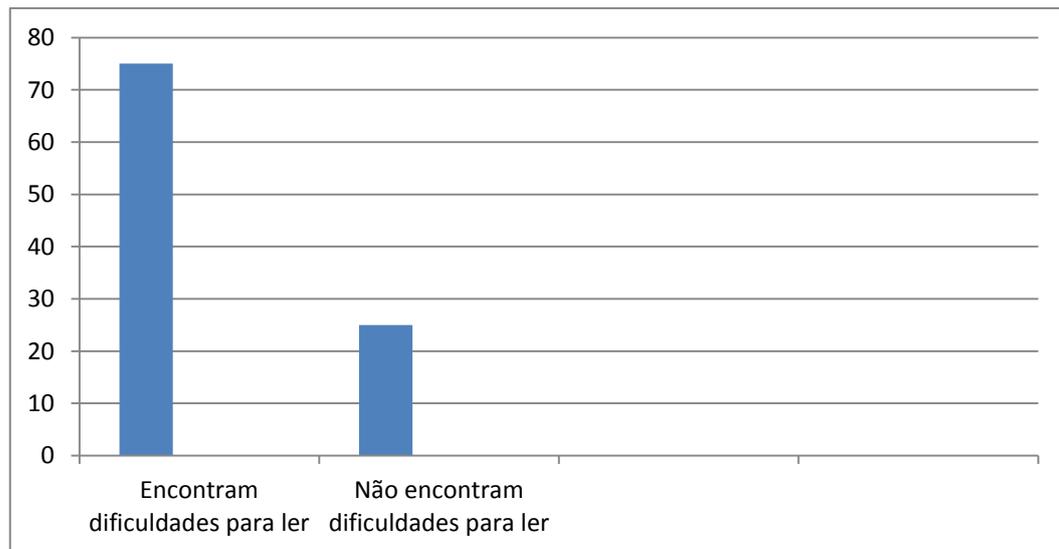
Considerando os percursos do processo de aprendizagem da leitura, percebemos a existência de algumas dificuldades pertinentes e colaboradoras para o repúdio a essa atividade. Alguns alunos apontam a falta de acesso ao material letrado; a falta de momentos de leitura nas aulas de língua portuguesa; falta de funcionalidade para as leituras realizadas; e por fim a escassez da leitura, ou a realização da mesma tão somente para resolução de questões posteriores.

Segundo Irande Antunes,

Existem atividades de leitura trabalhadas centradas nas habilidades mecânicas de decodificação da escrita, sem dirigir, contudo, a aquisição de tais habilidades para a dimensão da interação verbal [...] nessas circunstâncias, não há leitura, porque não há encontro com ninguém do outro lado do texto (ANTUNES, 2003, p. 27).

Nessa perspectiva, o que acontece é tão somente a decodificação dos códigos, sem nenhuma funcionalidade, de maneira que não existe a possibilidade de haver uma relação com o lido, por conta da desvinculação dos usos da leitura.

O gráfico seguinte revela o grau de dificuldade encontrada pelos 20 alunos do Ensino Médio, participantes dessa pesquisa:

**Figura 03 – Gráfico – Encontra dificuldade para ler?**

Diante dos dados obtidos é perceptível que mais de 70% dos estudantes revelam encontrar dificuldades para realização da leitura. Esse resultado é extremamente considerável e nos remete a uma reflexão diante da informação, tendo em vista que a grande maioria dos pesquisados expõem a dificuldade para ler. Sendo assim, as complexidades para compreender o lido se fazem cada vez mais evidentes.

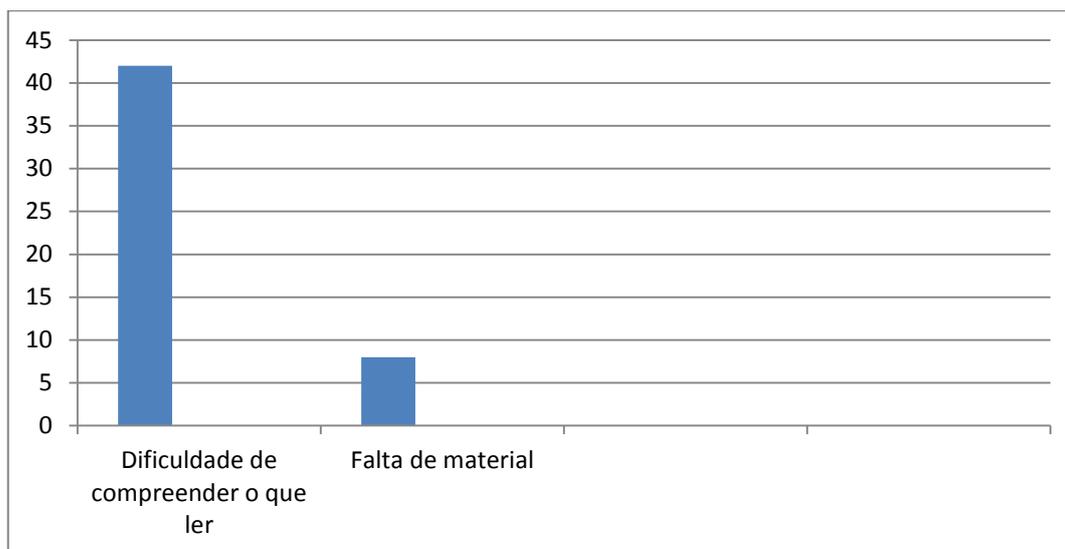
Partindo desse pressuposto, alguns dos entrevistados afirmam dizendo:

**Aluno C** - Eu não sou muito fã das aulas de português, não é o meu forte, justamente por causa das dificuldades que encontro para ler e compreender as coisas e também porque às vezes as aulas são cansativas.

**Aluno D** – [...] falta de materiais, não ter acesso a alguns livros que queria considerados importantes para mim, visto que com eles eu poderia melhorar ainda mais a minha condição de ler e compreender as coisas.

Em relação a essa dificuldade de compreensão do que é lido, observemos os dados apresentados no gráfico abaixo relacionado.

**Figura 04 – Gráfico – Quais dificuldades você encontra para ler?**



Percebemos a partir dos dados, que em meio aos fatores contribuintes para a dificuldade de ler, se faz presente a falta de material e a ferrenha dificuldade de compreensão do lido. É notório então, a forte relação existente entre a leitura e a compreensão. Dessa maneira, percebemos que a leitura superficial, fragmentada não oferece condição para uma compreensão condigna de bons resultados.

Isabel Solé discorre sobre essa problemática esclarecendo que:

O problema de ensino da leitura na escola não se situa no nível do método, mas na própria conceituação do que é leitura, da forma em que é avaliada pelas equipes de professores, do papel que ocupa nos Projetos Curriculares da escola, dos meios que se arbitram para fortalecê-la, naturalmente, das propostas metodológicas que se adotam para ensiná-la (SOLÉ, 1996, p.33).

Será então que os meios usados para o ensino de leitura não objetiva a contribuição para melhoria no aspecto de compreensão daquilo que é lido? E essa dificuldade, será que acontece por consequência da falta de conhecimento eficaz do ato de ler? Essa situação mesclada faz com que uma coisa ligada à outra, traga atrapalhão para o processo de ensino da leitura, de modo que tem causado um desconforto no aprendizado autônomo e eficiente, capaz de dar ao leitor todos os recursos precisos para compreender as múltiplas leituras realizadas.

Em meio a essa realidade é que se percebe a grande dificuldade presente na vida dos alunos em relação à atividade de leitura, de maneira que na sua maioria,

realizam tão somente o processo de decodificação, e este, não pode ser visto como um método eficiente porque não é capaz de oferecer requisitos que estimulem a realização do ato de ler e sim a mera reprodução dos códigos visualizados.

Diante disso, Ezequiel Theodoro da Silva complementa dizendo:

A leitura não pode ser confundida com decodificação de sinais, com reprodução mecânica de informações ou respostas convergentes a estímulos escritos pré-elaborados. Esta confusão nada mais faz do que decretar a morte do leitor, transformando-o num consumidor passivo de mensagens não-significantes e irrelevantes (SILVA, 1992. p. 96).

Em meio a essas afirmativas, pensemos um pouco a respeito do modo como deve ser feita a leitura, e de como contribuir para a formação de um leitor autônomo e capacitado a compreender o lido. Para alcançar tal finalidade o importante mesmo é não desanimar e buscar meios para facilitar o desafio de trabalhar de forma a conseguir formar praticantes da leitura, seres críticos, capazes de selecionar o material adequado para ler, não somente oralizar, aptos a assumir posição própria diante do que é oferecido pelos autores dos variados textos e não somente sujeitos decifradores de símbolos de um sistema de escrita.

A respeito disso, o PCN aborda que:

[...] formar um leitor competente, supõe formar alguém que compreenda o que lê; que possa aprender a ler também o que não está escrito, identificando elementos implícitos; que estabeleça relações entre o texto que lê e outros textos já lidos; que saiba que vários sentidos podem ser atribuídos a um texto [...] (BRASIL, 1999: 69).

Entretanto, esse processo de formação do leitor somente será possível, quando os estudantes sanarem as dificuldades para efetivação da leitura, compreendendo que não são indivíduos dependentes do texto e de seus respectivos autores, tornando pessoas desejosas de fazer parte de outros mundos possíveis através das diferentes leituras realizadas, não como obrigação escolar, mas, incorporada a um desejo próprio e particular, tornando o ato de ler uma atividade imprescindível para seu desenvolvimento como cidadão capaz de manejar com eficácia as diferentes escritas que circulam na sociedade, alcançando uma utilização enriquecedora para realização como leitor.

### 3.3 Dificuldades de concentração

Têm sido evidentes as transformações alcançadas no âmbito educacional, em relação aos meios utilizados para se trabalhar a leitura nas escolas. Nesse movimento de mudanças, nos deparamos com os recursos tecnológicos contemporâneos, os quais contribuem significativamente para as possibilidades de um trabalho pedagógico melhor e mais eficiente, visto que estes podem cooperar para a realização de atividades que desenvolvam nos estudantes a aproximação com o material letrado e o hábito da prática da leitura.

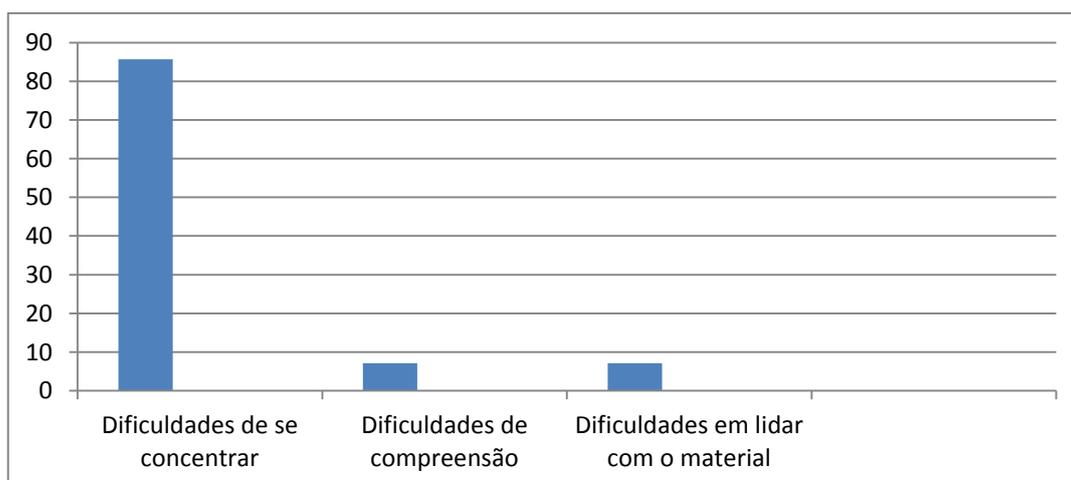
Entretanto, essas mudanças da vida moderna têm dividido opiniões em relação à contribuição que podem ser percebidas ou tornar existentes por meio dos recursos tecnológicos, ou mesmo pelos avanços das tecnologias que tem adentrado ao espaço escolar.

Para alguns, esses recursos oferecem condições de dinamizar as aulas, torná-las mais atraentes, mais contextualizadas, e conseqüentemente, favorecem o alcance de concentração por parte dos alunos. Em contrapartida, há quem diga que esses aparatos midiáticos não passam de métodos para envolver a aula, tomar espaço que poderia estar voltado para o ensino mais direcionado, o qual fica à mercê do preenchimento do tempo com os recursos tecnológicos.

Diante disso, como então a escola deve fazer uso dos meios tecnológicos em suas aulas, ou como aproveitar desses recursos para o alcance de um trabalho bem elaborado e capaz de apreender a atenção dos estudantes para com o exposto, bem como, envolvê-los de maneira a desejar participar das aulas com maior atenção, focando em ideais de aprendizado, concentrando no que vem sendo trabalhado ao longo das aulas?

Observemos a seguir as informações condizentes com a realidade de concentração dos estudantes nas aulas de Língua Portuguesa:

**Figura 05- gráfico – Quais as maiores dificuldades encontradas nas aulas de leitura?**



De acordo ao dicionário Aurélio, concentração se remete ao ‘estado de quem se concentra ou absorve um assunto ou matéria’. Diante dessa afirmativa, pensemos em como tem sido desenvolvido esse estado de concentração pelos estudantes em suas aulas diárias, ou em seus momentos de leitura.

É evidente que muitas pessoas ao realizar uma atividade de leitura, chegam ao final do material lido e não conseguem fixar os pensamentos, ou mesmo saber sobre o que leu. Isso ocorre porque enquanto realiza a leitura os pensamentos não acompanham, divagam em torno de outros assuntos, menos daqueles a que se refere o que está sendo lido.

Situações como essas acontecem devido ao tempo em que as pessoas conseguem se manter concentradas, focadas naquilo que estão fazendo. Estudos têm mostrado que algumas das dificuldades encontradas pelos educadores em suas aulas expositivas, estão relacionadas ao desconhecimento por parte desses, do tempo em que é possível abstrair a atenção dos alunos, além dos mecanismos necessários para alcançar tal habilidade.

Em se tratando de atenção, faz-se necessário avaliar o que tem sido trabalhado nas escolas e de que maneira, analisando se essas situações podem ou não favorecer para a falta de concentração. De acordo com Werneck, “ensinamos demais e os alunos aprendem de menos e cada vez menos! Aprendem menos porque os assuntos são a cada dia mais desinteressantes, mais desligados da realidade dos

fatos e os objetivos mais distantes da realidade da vida dos adolescentes” (apud ECCHELI, 2008, p. 206).

Com isso, queremos nos referir ao estabelecimento de um clima estabilizador, mais motivado para o alcance de uma aprendizagem significativa. Todavia, é preciso esclarecer que a criação, a existência deste, não é garantia de sucesso, tendo em vista que situações extra escolares também podem contribuir para a desatenção, para a falta de concentração na realização das atividades.

Dessa forma, mesmo reconhecendo que a escola não possui total responsabilidade, é necessário que ela saiba lidar com situações como essas e criem mecanismos para lidar com elas. Reflitamos, pois na seguinte realidade, se a escola não procurar ser um local atrativo, se os professores não oferecerem aulas significativas, atraentes, de que forma alcançará a atenção focada de seus alunos?

Em suas múltiplas investigações, Vygotsky (2003, p. 24) apresenta a concepção de que a atenção humana é seletiva, sendo que, para mantermos foco em qualquer fenômeno, é preciso que tenha algum significado. Com base nessa afirmativa, nos inteiramos da precisão de tornar o trabalho com a leitura, e principalmente as aulas, mais atrativas, significantes, aptas a captar a concentração dos estudantes e levá-los a perceber a importância do ato de ler, de maneira que consigam manter o foco, centrados em busca dos objetivos e com isso, alcancem melhores condições de ler, compreender e concentrar-se nas realizações dessas etapas.

Ainda em relação a isso, cabe aos professores, investirem em suas aulas de leitura, provocar desafios a fim de alcançar maior interação entre o leitor e o lido, promovendo um desenvolvimento mental e cognitivo significativos, e colaboradores para o melhoramento da leitura dos indivíduos, tornando-os aptos a com condições próprias alcançar a criticidade e a autonomia diante das situações.

Dessa forma, pensemos sobre qual tem sido a relação atribuída as leituras trabalhadas nas escolas com a realidade dos alunos; que atração tem sido oferecidas para que haja uma contextualização atrativa, colaboradoras para a

existência do interesse por parte dos estudantes, e automaticamente, para a existência da concentração?

É sabido que o processo de concentração acontece de maneira que perpassa por inúmeras estratégias até alcançar o ápice. Segundo Fulgêncio e Liberato (2004, p. 18) o leitor eficiente não se concentra exclusivamente no material visual para obter informação. Ele pode formular previsões que contribuem para facilitar a compreensão do que está sendo feito, ou lido. Para tanto, o leitor precisa ter acesso a informações visuais e informações não visuais. A relação existente entre essas informações dará a ele a condição de ler com maior eficiência.

De acordo aos estruturalistas a leitura é um processo que segue um esquema. Kato (1990, p. 61) apresenta essas informações esquemáticas, afirmando que ao ler o indivíduo tem o primeiro estímulo referindo-se à visão, estímulo visual; em seguida, o leitor alcança a resposta ao estímulo, através da audição; após ambos os estímulos, o leitor alcança o significado do que foi lido. A partir de então mantém-se concentrado no que ler. Todavia, faz-se necessário o conhecimento desse processo pelos professores, a fim de que eles tenham plena condição de preparar suas aulas, de modo a manter os alunos concentrados.

Partindo desse pressuposto, é preciso investir nos meios que possibilitem um trabalho coerente e condizente com as etapas necessárias para o desenvolvimento de uma concentração que favoreça um melhor aprendizado da leitura.

### **3.4 Os materiais utilizados**

Existem vários programas<sup>2</sup> voltados para o incentivo à leitura, assim como materiais fornecidos as escolas, entretanto, eles não têm contribuído o suficiente para que os cidadãos alcancem o hábito de ler. Quando questionamos aos estudantes a respeito do material utilizado pelos professores, ou pela escola para trabalhar a leitura,

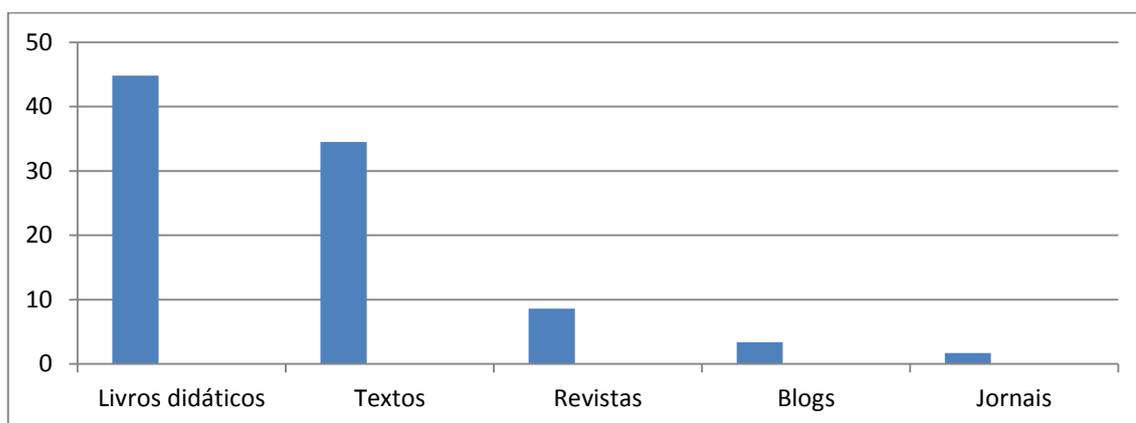
---

<sup>2</sup> Programas como Pró-livro, Mais Educação, Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), Programa Nacional de Incentivo à Leitura (PROLER).

muitos são os recursos providenciados com a finalidade de aproximar o aluno das letras e incentivar o hábito de ler. Todavia, quando observado os tipos de materiais, notificamos que o mais utilizado, continua sendo o livro didático.

Observemos os dados abaixo, quando questionados os 20 estudantes pesquisados a respeito dos materiais usados nos momentos de leitura, os mais citados foram:

**Figura 06 – Gráfico – Quais os materiais usados nas aulas de leitura?**



A leitura na escola ainda é vista como objeto de ensino, entretanto, para alcançar a finalidade de uso como objeto de aprendizagem, há a necessidade de que a mesma tenha sentido, e que este venha ser perceptível aos alunos, de maneira que os mesmos valorizem o propósito de cada leitura realizada. Levar o estudante a perceber a modalidade de leitura, a sua funcionalidade, finalidade, ou mesmo os passos para uma melhor compreensão de um determinado tema ou texto, ensinar como fazer para ler melhor, são passos consideráveis para aproximação do leitor aos materiais disponíveis para realização da atividade de leitura.

Diante disso, nos questionamos sobre qual tem sido a finalidade do uso contínuo do livro para o trabalho com a leitura? Que tipo de livros têm sido usados, e ainda, qual tem sido o propósito dos textos trabalhados nesses livros?

É possível que os alunos possam ser atraídos a ler outros materiais além dos livros. Contudo, são necessários alguns procedimentos de seleção, para que os mesmos alcancem objetividade e funcionalidade, podendo assim, serem contribuintes para o trabalho e a melhoria do incentivo para os leitores. E o que às vezes nos assusta é

que a grande maioria dos educadores faz uso do livro não como um instrumento condutor, mas, seu único instrumento de trabalho, o qual da maneira que é recebido das editoras é utilizado, mesmo apresentando uma desassociação com a realidade dos educandos. Daí o grande desafio de aproximar esses leitores dos textos desconectados de sua vivência, e sem nenhuma funcionalidade.

Rubem Alves afirma essa realidade dizendo que:

No que se refere aos livros mais adotados, a análise qualitativa realizada leva a constatação de que tais livros não ajudam o professor a desenvolver nos alunos o gosto pela leitura, não contribuem para a formação de hábitos de leitura inteligente, nem estimulam a reflexão e a crítica (ALVES, 1984, p. 30).

Talvez por isso outros materiais tenham ganhado espaço na escola, como podemos verificar no gráfico 05. Entretanto, assim como o livro, se estes materiais não forem usados dentro de um propósito funcional não poderão contribuir em nada. Além do que, ainda existe a desproporcionalidade de esses materiais não estarem a disposição dos alunos. Muitas escolas possuem um acervo composto por bons elementos, contudo, com um grande problema a ser resolvido, permitir que os estudantes tenham acesso livre ao espaço que guardam os materiais.

Por outro lado, ainda existem inúmeras instituições educativas que não dispõem de materiais e tão pouco de estrutura para recebimento de livros ou demais elementos que podem contribuir para o trabalho com a leitura. Em meio a essa realidade, como então a escola, os professores, tem trabalhado a leitura nas escolas; que tipo de material tem sido usado, como tem lidado com a falta de estrutura das bibliotecas, com a falta de material letrado para dar suporte as aulas?

Como pensar nas bibliotecas atuais, nos recursos presentes no ambiente escolar em relação às diferentes tecnologias que tem surgido, nas diferentes maneiras da escrita circular na sociedade atual? E ainda de que tem adiantado o recebimento de meios tecnológicos, aptos a empreender com sucesso o desenvolvimento da leitura, se a grande maioria não é usada, ficam trancados em salas, muito bem protegidos, para não serem quebrados; ou ainda, somente são utilizados com a autorização de pessoas responsabilizadas pelo cuidado desses?

Finalmente, refletimos a respeito da metodologia usada pelos professores, tendo em vista que boa parte dos recursos colaborativos para um trabalho promissor encontra-se restritos ou mesmo, ausentes. A respeito disso, Silva (2010, p. 123) enfoca sobre essa situação afirmando que “no contexto social em que vivemos a formação e o atendimento dos leitores deve ser multimídia, disponibilizando a eles os meios de acesso às produções que correm pelos oceanos da Internet, pelas telas da TV e do cinema, pelos palcos dos teatros”.

Interessante refletir que esses recursos tecnológicos são interessantes, mas, não são essenciais. Não são suficientes para preencher as lacunas deixadas pelo não uso dos livros, ou mesmo, pelas bibliotecas. Podem ser considerados meios alternativos e bons colaboradores. Entretanto, o livro continua mantendo sua posição de líder, uma vez que permanece como auxiliador do profissional educador. Importante lembrar que ele não é o elemento único e que não deve ser visto como fim. Apesar de existir uma cumplicidade grandiosa e antiga entre o livro e a escola, ele precisa ser reconhecido como sendo mais um recurso facilitador para o trabalho dos docentes, além do que, pode estar suscetível a adaptações ou mudanças que favoreçam o sucesso da aprendizagem dos estudantes.

Diante disso, a escola que pretende investir na leitura como ato verdadeiramente cultural não pode ignorar a importância de um lugar para se gostar e praticar a troca espontânea que a leitura crítica proporciona, leitura que inquieta, que faz pensar e reelaborar num autêntico processo de comunicação, cujo resultado é, sem dúvida, dos mais compensadores para as pessoas nele envolvidas, mediadores ou leitores em formação (PERROTI, 1993, p. 21-23).

Seria interessante que todas as escolas brasileiras tivessem acesso a um espaço bem equipado, repleto de bons materiais letrados e temas importantes, aptos a despertar o interesse dos alunos, composto ainda de uma pessoa capacitada para nortear esse processo de leitura. Nesse patamar, consideremos a necessidade de um bibliotecário com a finalidade de difundir a informação crítica, se colocando à disposição da população leitora.

Todavia, o que nos é apresentado na maioria das instituições educativas como espaço para leitura, ainda deixa muito a desejar em inúmeros aspectos, desde a estrutura física, até ao acervo literário que é disponibilizado para os estudantes, como fonte de pesquisa ou material de leitura, além disso, nem sempre a pessoa responsável pelo espaço possui as aptidões relevantes para realização de um trabalho diferenciado e promissor no âmbito da leitura.

A respeito dessas coisas, Silva (2010, p. 69) relata que atrás do livro tem coisa, mas é necessário que o bibliotecário assuma de vez e definitivamente a dimensão política e educativa de seu trabalho, colocando-se como um co-responsável pela formação de leitores críticos. Sendo assim, é pertinente reconhecermos que a existência em si mesma de uma biblioteca nas escolas, não terá influência alguma, ou mesmo, funcionalidade, caso não haja um programa de dinamização e uma política para desenvolvimento do leitor, pautado em meios que contribuam para participação democrática dos alunos ao ambiente, bem como, pessoas que facilitem o acesso ao material.

De acordo com o levantamento de informações, esses materiais existem e muitos são os recursos aplicados para que eles cheguem às escolas e principalmente as mãos dos leitores. O PNLD<sup>3</sup> distribuirá, em 2013, 52 milhões de livros. O orçamento previsto para o PNLD é de R\$ 1,48 bilhão em 2012, segundo informações do MEC<sup>4</sup>. Isso nos remete a pensar na existência dos livros na escola e a refletirmos sobre a maneira que eles tem sido utilizados para o progresso da leitura de milhares de brasileiros.

Partindo desse pressuposto, é viável investirmos em métodos de preparação para uso dos materiais que são recebidos pelas escolas. No que se refere ao ato de ler, utilizar melhor o livro ou qualquer que seja os materiais acessíveis e colaboradores para o avanço da aprendizagem dos estudantes, principalmente para a melhoria da leitura, de modo que, esses instrumentos ofereçam todo suporte necessário para que os leitores alcancem o hábito de ler, e consigam tudo o que for possível para ler fluentemente, e acima de tudo, realize uma leitura proficiente, crítica e autônoma, e

---

<sup>3</sup> Programa Nacional do Livro Didático

<sup>4</sup> Ministério da Educação

que esta conceda aos estudantes a condição de ampliar sua visão de mundo a partir de seu universo de leitura.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou compreender como tem sido realizado o trabalho com a leitura nas escolas, e entender até que ponto ele tem contribuído para sanar os principais problemas, grandes colaboradores para a falta da formação leitora dos estudantes de Ensino Médio da comunidade escolar pesquisada.

Ao longo do processo histórico a Educação vem objetivando mudanças de hábitos e atitudes dos estudantes com relação ao problema de leitura que afeta a sociedade estudantil. Os trabalhos desenvolvidos nas escolas em relação à leitura ainda têm deixado lacunas a serem preenchidas com métodos inovadores, para alcance de uma contribuição significativa para a construção de leitores proficientes.

Dessa maneira, compreendemos que para o alcance dessa construção de leitores autônomos, vários programas têm sido criados, a fim de favorecer a sensibilização dos leitores quanto à necessidade do alcance de uma leitura que vá além da mera decodificação. Todavia, esses projetos, em sua maioria, visam tão somente a exposição de números apresentando resultados positivos para alavancar a posição do Brasil em relação ao aprendizado notório alcançado pelos estudantes.

Verificamos entre os educadores dificuldades em trabalhar a leitura de maneira atrativa, prazerosa. Constatamos que apesar do uso de recursos que podem contribuir para melhoria das aulas, os resultados ainda não são satisfatórios. Habilitar os educadores para o desenvolvimento de ações estratégicas a respeito das atividades explorando o ensino da leitura significativa seria interessante. Vale ressaltar que no desenvolvimento do ato de ler, os professores são mediadores indispensáveis no processo de busca do aprendizado da leitura crítica e autônoma.

Contudo, mesmo em meio aos investimentos, alguns problemas ainda são pertinentes, como a falta de leitura na escola, elemento que ainda merece melhoria, nos métodos, na metodologia, nos usos dos recursos favorecedores para um trabalho melhor; a falta de vontade de ler por parte dos estudantes ainda merece atenção, tendo em vista que a grande minoria não possui o hábito de ler, e a escola

como um conjunto, tem a responsabilidade de colaborar com métodos para aguçar o hábito da leitura; além disso, os estudantes expõem a existência de outro problema, relacionado a dificuldade de se concentrar. Este tem interferido no desenvolvimento da leitura peculiar de cada indivíduo.

Podemos constatar com essa pesquisa que os trabalhos desenvolvidos em prol do desenvolvimento da leitura dos estudantes, com a finalidade de ler proficientemente, continuam merecendo atenção e melhores investimentos, propagando uma sensibilização maior para iniciação de mudanças que aspiram a melhoria da qualidade da leitura e a busca das resoluções para os problemas ainda existentes.

Recomendamos maiores investimentos na formação dos professores. Faz-se necessário subsidiar o trabalho dos docentes para que estes continuem desenvolvendo práticas educativas que promovam saberes significativos para a mudança de atitude dos leitores, de maneira contínua e efetiva.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. **Gaiolas e Asas**. Folha de São Paulo, 08/12/2001.
- ALVES et al., 1984, p 30. **O livro didático em questão**. Bárbara Freitag, Valéria Rodrigues Motta, Wanderley Ferreira da Costa. – 2. ed. – São Paulo: Cortez, 1993.
- ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. 1977. Paris. Seuil.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- \_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1999.
- BRITTO apud EVANGELISTA, M.A. Aracy; **Escolarização da leitura literária**. 2ª edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- CAMPELLO, Bernadete S. et al. **A Internet na pesquisa escolar: um panorama do uso da web por alunos do ensino fundamental**. In CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 19. 2000, Porto Alegre. Anais. Porto Alegre: Associação Riograndense de Bibliotecários, 2000. (CD-ROM)
- FISCHER, Steven R. **História da leitura**; tradução Cláudia Freire. – São Paulo: Editora UNESP, 2006.
- FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questão**. Trad. Bruno Charles Magne. – Porto ALEGRE: Artes médicas, 1994.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. 37. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- FULGÊNCIO Lúcia, LIBERATO, Yara. **Como facilitar a leitura**. 8. Ed. – São Paulo: Contexto, 2004.
- GODOY, Arilda S. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. In revista de Administração de empresas, v. 35, n, 2 Mar./Abr. 1995a. 57-63.
- IBGE. Disponível em: < <http://www.ibge.gov.br> > Acesso em 30 de Março de 2012.
- KATO A. Mary. **No mundo da escrita**. Uma perspectiva psicolinguística. 3ª edição. Editora Ática, 1990.
- KLEIMAN, Ângela. **Oficina de leitura: Teoria e Prática**. 6ª ed. Campinas, SP: Pontes, 1998.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para leitura do mundo**. Editora: Ática. São Paulo, 2001.

LERNER, Delia. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário**. Trad. Ernani Rosa. - Porto Alegre: Artmed, 2002.

LUFT, **Minidicionário**. Editora Ática, 2001.

PAIVA, V. P. **Educação popular e educação de adultos**. São Paulo: Loyola, 1987 et al. SOEK, Ana Maria. **Mediação Pedagógica na Alfabetização de Jovens e adultos**. Curitiba: Ed. Positivo, 2009.

PERROTI, Edmir. **Confinamento cultural, infância e leitura**. São Paulo; Summus, 1993.

**PORTAL DO MEC**. Disponível em: <[www.mec.gov.br/](http://www.mec.gov.br/)> Acesso em 30 de Março de 2012.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Criticidade e leitura: ensaios**,(Campinas: Mercado das Letras/ ALB, 1998).

\_\_\_\_\_. **Leitura e realidade brasileira**. 5ª ed. – Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

\_\_\_\_\_. **Leitura na escola e na biblioteca** – 11ª ed. – Campinas, SP: Edições Leitura Crítica, 2010.

\_\_\_\_\_. **A produção da leitura na escola** – Pesquisas x propostas. Editora: Ática. São Paulo, 2002.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

YUNES, Eliana; PONDÉ, Glória. **Leitura e Leituras da Literatura Infantil**. 2.ed., São Paulo: FTD, 1989.

VILARONGA, Dalva; CARVALHO, Geferson. **Retrato de Miguel Calmon Análise Geral do Município**. Jacobina, BA: Oxente, 2007.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A

#### Questionário para os alunos

1. DADOS PESSOAIS:

Nome: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ Série: \_\_\_\_\_

2. SOBRE LEITURA:

Você gosta de ler?

( ) SIM ( ) NÃO

Encontra dificuldades para realizar essa atividade (leitura)?

( ) SIM ( ) NÃO

Se sim, quais dificuldades seriam:

( ) Dificuldades de compreender o que ler

( ) Dificuldade de se concentrar

( ) Não domínio do vocabulário

( ) Falta de material de leitura

( ) Problemas de visão

( ) Outros

---

---

3. Que materiais são usados nas aulas de leitura:

( ) Jornais

( ) Revistas

( ) Blogs

( ) Livro didático

Textos xerocopiados

Outros

---

---

---

4- As aulas de leitura que você participa podem ser consideradas:

Interessantes

Desinteressantes

Enfadonhas

Informativas

Pouco informativas

COMENTE:

---

---

---

---

5- Seus professores ao trabalhar com leitura:

Incentivam muito a leitura

Pouco incentivam a leitura

Raramente incentivam a leitura

Não incentivam a leitura

6- Você enquanto aluno apresenta:

Muita vontade de ler

Pouca vontade de ler

Raramente tem vontade de ler

Não tem vontade de ler

7- Ao final do Ensino Médio você se considera:

Um bom leitor

Um leitor fraco

Um leitor médio

COMENTE:

---

---

---

---

8- Faça uma lista dos principais motivos que fizeram com que ao final do Ensino Médio você ainda apresente alguma dificuldade de leitura:

- 1 \_\_\_\_\_
- 2 \_\_\_\_\_
- 3 \_\_\_\_\_
- 4 \_\_\_\_\_
- 5 \_\_\_\_\_

**APÊNDICE B**  
**ENTREVISTA COM OS ALUNOS**

- 1- Você gosta de ler? Por quê?
  
- 2- Você gosta dos momentos de leitura em suas aulas? Esses momentos existem?
  
- 3- Como foi o trabalho com leitura em todo o processo de sua vida estudantil?
  
- 4- Que fatores contribuíram positivo ou negativamente para sua formação como leitor?
  
- 5- Algum professor contribuiu para que você viesse a ser o que hoje é em termo do desenvolvimento de leitura?

## APÊNDICE C

### Consentimento Informado

#### 1- Dados da Pesquisa:

Nos dias atuais, na prática escolar, um dos fatores imprescindíveis para o desenvolvimento dos estudantes, tem sido a leitura. Fator importante que oferece a condição de conhecer o mundo, desenvolver a sociabilidade, aprimorar o entendimento das coisas, a articulação e a exposição das ideias.

Tendo em vista que a leitura é considerada um dos pilares nos quais apoiam todas as demais aprendizagens escolares, é que esse trabalho se desenvolve apresentando o título Proficiência Leitora ao Final do Ensino Médio, buscando compreender por que os alunos concluem o Ensino Médio sem adquirir uma leitura crítica e autônoma, objetivando investigar os motivos pelos quais os alunos concluem essa etapa sem alcançar autonomia para realização de diferentes leituras.

#### 2- Consentimento do informante:

Declaro que fui informado satisfatoriamente sobre a natureza e propósito dessa pesquisa; que me foi explicado todos os procedimentos e encaminhamentos possíveis. Para tanto, todos os dados referentes às informações contidas na entrevista concedida por mim, poderão ser utilizadas para fins de registros, informações concretas desse trabalho, e publicação posterior em meios científicos.

**Assinatura:** \_\_\_\_\_

**RG:** \_\_\_\_\_

**CPF:**

\_\_\_\_\_